

“ (...) Os cicerones de Delfos asseguram a Pausânias, sobre o lugar do templo que olhava e do qual hoje apercebemos os vestígios, tinha existido um outro construído por abelhas. Apólo, o próprio, tê-lo-ia transportado para o país misterioso que é a sua origem mitológica última, o dos Hiperbóreos. Ele compensava assim, de certa forma, a perturbação que levava à economia do mundo divino, na distribuição das terras e dos papéis (...)”

Michel Butor, “Le Génie du Lieu”, eds. Les Cahiers Rouges, Grasset, 1958

Tornar-se um ícone não é projecto ou acto onde o próprio determine o resultado.

Quero dizer, há homens, há mulheres, que marcam o seu tempo. E, certamente, a vontade de marcar, presente em muitos de nós, também reside no indivíduo icónico. Na maior parte dos casos, esta vontade não encontra reconhecimento social, histórico. E, por vezes, a marca icónica dos que obtêm reconhecimento diverge da sua vontade.

O processo que leva uma pessoa a tornar-se uma espécie de farol, um feixe de luz que varre horizontes, que marca espaços, que referencia territórios, que indica o ponto onde acaba a terra e começa o mar, esse processo é ao mesmo tempo secreto e público. Secreto, por ser intenso e interior, obriga a adesões pessoais a alguém em concreto. Público, por se revelar na comunidade, os ícones são marcações comunitárias.

Claro que os há sedimentados pela História e outros que os anos dissipam. Sobre isso, nada podemos.

Vem isto a propósito da exposição de um conjunto de obras recentes de Álvaro Siza Vieira no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, no mesmo ano em que, também no Brasil, terminou a construção e foi aberto ao público o seu magnífico edifício/objecto do Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre.

Álvaro Siza Vieira, independentemente da sua vontade, tornou-se um ícone e o tempo fará o seu trabalho sobre a duração deste reconhecimento.

No que aos contemporâneos diz respeito, Portugal pariu um arquitecto que transcendeu o seu campo, para se referenciar como autor. Mas a autoria de Siza não é a do movimento dos “starquitects”, da arquitectura enquanto espectáculo. É antes contenção, sobriedade, capacidade relacional, procura de equilíbrios, exercício de continuidade postos em acção, em objecto.

Impressiona a mensagem comunitária decisiva, na perturbação actual de signos, actos, valores.

A relação de trabalho que a Direcção Geral das Artes do Ministério da Cultura estabeleceu com a Fundação Tomie Ohtake tem aberto oportunidades que correspondem a pontos de amarração da criação portuguesa contemporânea no Brasil.

Apresentar um criador com as capacidades e resultados que esta exposição demonstra é para nós um orgulho. É pouco actual, é certo, afirmar este sentimento, mas a contemporaneidade é o que fizemos dela.

Jorge Barreto Xavier
Agosto de 2008